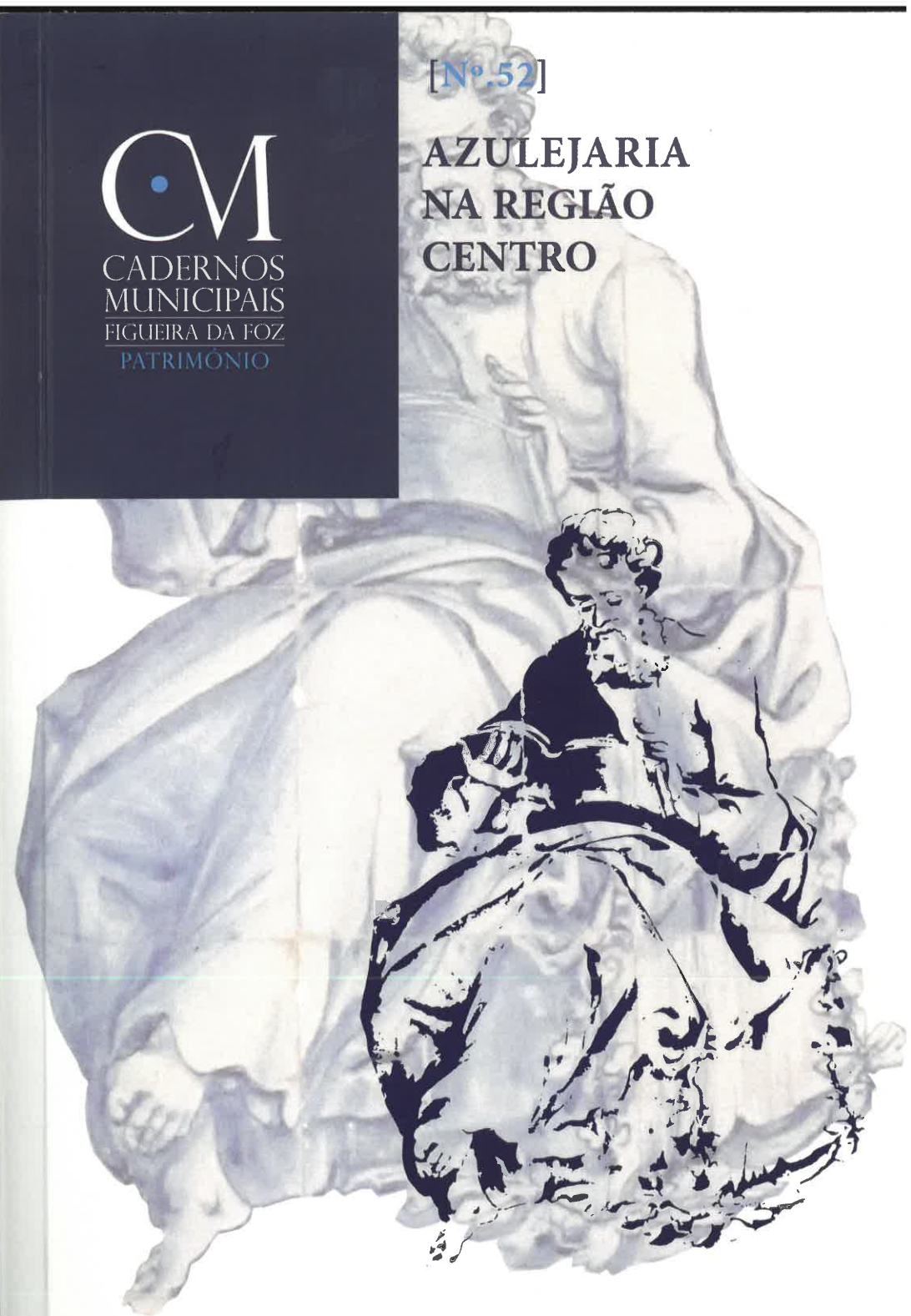


CM

CADERNOS
MUNICIPAIS
FIGUEIRA DA FOZ
PATRIMÓNIO

[Nº.52]

AZULEJARIA
NA REGIÃO
CENTRO

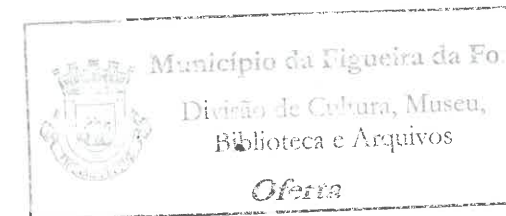


AZULEJARIA NA REGIÃO CENTRO

COORDENAÇÃO

Maria de Lurdes Craveiro

Inês Maria Jordão Pinto



CM
CADERNOS
MUNICIPAIS
FIGUEIRA DA FOZ
PATRIMÓNIO

figueira
da cultura.

AZULEJARIA PORTUGUESA

O ESTUDO E A INVESTIGAÇÃO DO AZULEJO EM PORTUGAL.
NOVOS DEBATES E NOVAS METODOLOGIAS¹

Maria Alexandra Trindade Gago da Câmara
Universidade Aberta | CHAIA - UE
ARTIS - FLUL | Rede de investigação em Azulejaria

Os propósitos desta comunicação passam pela partilha de algumas questões que se centram no estudo e na investigação do património azulejar em Portugal, no âmbito de um quadro cronológico mais alargado, procurando sumariar e elencar os novos temas, as novas questões, e inquietações que têm catalogado a azulejaria portuguesa nos últimos anos como uma área de trabalho emergente no contexto de outras expressões artísticas.

Procurarei fazer a minha abordagem e focalizar-me nalguns aspetos, centrados especialmente na produção azulejar dos séculos XVII e XVIII com base nos seguintes tópicos:

As **motivações** e o embrião dos primeiros trabalhos sobre o azulejo, seguindo-se os principais estudos do século XX que procuraram entender e fixar uma matriz de estudo e investigação desta área e, finalmente, os resultados na procura de **novas abordagens**, perspetivando trabalhos futuros e identificando desafios consistentes em redes, parecerias e projetos em curso consolidando uma consciência e práticas científicas.

¹ Este texto tem como ponto de partida um artigo da minha autoria, revisto por pares já publicado na *Revista de História da Arte*, nº 9, 2012, IHA, Faculdade de Letras da Universidade Nova de Lisboa, pp 107-125. Mais recentemente (2018) publicamos em coautoria com Rosário Salema de Carvalho analisando a questão da identidade do azulejo português o seguinte artigo: "In Portuguese....and Spanish, English, Dutch; French....Singularities of Portuguese Azulejos within European Historiography" in *Artis On*, nº 8, 2018, pp. 22-33

1. MOTIVAÇÕES

Pela sua plasticidade, pela forma como os portugueses o reinventaram e o tornaram como seu numa forma muito original e em larga escala, o azulejo tem despertado desde muito cedo interesse, encontrando-o como registo documental e escrito em fontes recuadas. Recordem-se os trabalhos de Frei Nicolau de Oliveira, Livro das Grandezas de Lisboa, 1620 e Agostinho de Santa Maria, *Santuário Mariano* [...], 1707-1723.

É sobretudo em meados do século XIX, enquanto especificidade da arte portuguesa, que ganhará legitimidade e consciência da sua verdadeira dimensão territorial. Pese o contributo ímpar dado por algumas gerações de investigadores e estudiosos como o Conde Athanase Raczyński², Joaquim de Vasconcelos³, José Queirós⁴ e José de Figueiredo, passando por Vergílio Correia⁵, onde quase podemos citar de memória todas as suas / deles principais preocupações, começa a compreender-se este objeto artístico no seu contexto e particularmente no seu devir histórico fixando-se uma produção escrita intensa, mas igualmente dispersa.

2 *Les Arts en Portugal. Lettres Adressés a la Société Artistique et Scientifique de Berlin, et Accompagnées de Documentes*, Paris 1846 e *Dictionnaire Historico-Artistique du Portugal* (...), Paris, 1846.

3 VASCONCELOS, Joaquim de 1909. "A Arte Decorativa Portuguesa" in *Notas sobre Portugal*, vol. II, Lisboa Imprensa Nacional, pp.200-201.

4 QUEIRÓS, José, Faiança de Massarelos" na Revista *Serões* (1905) e *Cerâmica Portuguesa* (1907) obra reeditada e actualizada em 1987. Vejam-se ainda *Olarias do Monte Sinay* (1913), do mesmo ano "Azulejos da Portaria de S. Vicente" publicado no *Bolletino del Museo Internazionale del Ceramiche* e de 1916 o artigo "Louça e azulejos de Torres Vedras" na *Terra Portuguesa*.

5 CORREIA, Vergílio, "A Família Oliveira Bernardes, uma grande escola de pintura de azulejos (1ª metade do século XVIII)" na Revista *Águia* em 1917, seguindo-se em 1918 e 1919 "Oleiros e pintores de azulejo: olarias de Santa Catarina e Santos" e "Oleiros Quinhentistas de Lisboa".

2. OS ESTUDOS DO SÉCULO XX

Na transição para o século XX e até à década de 50, a vertente museológica não foi descurada e a vontade e o impulso de rastreio e cadastro de obras do património artístico nacional começa a surgir. Refiro-me à publicação monumental do *Inventário Artístico de Portugal* de que resultaram a edição de 7 Distritos agrupados em XIII tomos e onde o azulejo se destaca com a sua intenção e função verdadeiramente decorativa.

Durante os anos 50 é dada à estampa por Reinaldo dos Santos a 1ª tentativa de síntese sobre *O Azulejo em Portugal*, obra reunida no volume III de *Oito Séculos de Arte Portuguesa*.

Numa visão "de fora" sobre arte portuguesa, o olhar atento de Robert Chester Smith (1912-1975) avançará com atribuições de obras, registando e fotografando os seus objetos de estudo, constituindo uma vasta coleção de imagens, particularmente no campo da Talha, das Artes Decorativas e da Arquitetura do Norte de Portugal nos séculos XVII e XVIII, onde evidentemente cabe ao azulejo um papel de destaque.

O estudo e o interesse pela arte do azulejo vai ganhando desde modo os seus contornos, carecendo-se todavia de uma obra geral e de perspetiva mais ampla sobre a sua história, análise e evolução.

Integrado quase sempre numa preocupação e motivação de índole pessoal - por diferentes estudiosos da arte portuguesa - a inventariação do azulejo foi assim conquistando espaço enquanto consciência de uma especificidade artística nacional.

A rutura fundamental ocorrerá quando, dentro do predomínio das abordagens mais circunscritas, surgem questões e problemas mais globais, numa escala que passa concretamente pelo inventário, pela arrumação de épocas e estilos e, por fim, pela identificação de obras e de artistas.

A figura de João Miguel dos Santos Simões (1907-1972) surge então neste contexto, procurando lançar as bases mais sólidas de uma historiografia



da especialidade (Fig.1) Acreditando que os azulejos constituíam um caso exemplar entre os materiais cerâmicos culturais, empenhou-se numa tarefa ciclópica: a tentativa de realização de um inventário sistemático e abrangente em termos geográficos da azulejaria com diferentes cronologias e tipologias, assunto que constituirá o propósito da carta que apresentará em Janeiro de 1957 ao então presidente do Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian:

“O trabalho que proponho oferecer à Fundação Calouste Gulbenkian é a realização de

uma obra total sobre azulejaria... Trabalho que não é apenas de síntese ou vulgarização, pretende ser acima de tudo útil e completo... Assim será na verdade, o primeiro livro que abarca este tão importante capítulo das Artes Decorativas num âmbito internacional, dando a conhecer insuspeitadas riquezas e esclarecendo não poucos pontos que, por falta de unidade sistemática, têm ou passado despercebidos ou lamentavelmente interpretados.

Mais do que um “livro de arte” pretende ser um livro “para a arte” e para os estudiosos, reunindo num “corpus” homogéneo o muito que se encontra desconexo e disperso...”⁶

⁶ Arquivo Santos Simões, Espólio, Dossier nº 2, Biblioteca Geral de Arte, Fundação Calouste Gulbenkian.

Este projeto - ajudado pela célebre Brigada de Estudos de Azulejaria⁷- irá materializar-se anos mais tarde num empreendimento de esforço e mérito conjunto, com a intenção desta Instituição em patrocinar aquilo que ficou conhecido como o Corpus da *Azulejaria Portuguesa*, cujo propósito era realizar a sistematização dos exemplares que ilustravam a evolução da arte do azulejo em Portugal.

Depois de percorridos alguns trilhos e de vários planos de publicação, a obra resultou em cinco volumes: *Azulejaria Portuguesa nos Açores e Madeira* (1963); *Azulejaria Portuguesa no Brasil (1500-1822)* (1965); *Azulejaria em Portugal nos séculos XV e XVI* (1969), *Azulejaria em Portugal no século XVII* (1971), e *Azulejaria em Portugal no século XVIII*, edição póstuma (1979), - esgotada há vários anos, recentemente reeditada e atualizada em 2010 - e algumas monografias complementares, na sua maioria inéditas (Fig. 2).

Decorridos mais de 40 anos sobre esta produção, podemos questionar a importância de um trabalho deste teor que persiste como uma referência, pelos instrumentos de análise que contemplou e pela própria estrutura que criou, revelando e sugerindo os aspetos formais, iconográficos, estéticos e decorativos numa visão e leitura integrada do património azulejar.

É pois precisamente no seguimento deste ponto - a data do ano do desaparecimento de Santos Simões - 1972 - que teremos que rever o que foi feito e produzido até à atualidade e do que pode vir a ser feito, apresentando um panorama bibliográfico, dilatando o âmbito da análise às perspetivas de inventariação, intervenção, salvaguarda e proteção do Azulejo, sem as quais não é possível avaliar e refletir objetivamente os progressos e avanços nas últimas décadas.

A receção e herança⁸ do trabalho de Santos Simões levou muitos

⁷ CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da 2007, “A Brigada de Estudos de Azulejaria. A génese de um Inventário do Azulejo em Portugal. *João Miguel Santos Simões (1907-2007)*, MNAz, 2007, pp. 145-155.

⁸ AA VV, *A Herança de Santos Simões - Novas perspetivas para o Estudo da Azulejaria e da Cerâmica*, Susana Varela Flor (coord. científica), Lisboa, Edições Colibri, 2014.



Fig. 2

historiadores a refletirem sobre um conhecimento mais direto da sua “lição” (Fig.3). As principais linhas de trabalho, assim como os seus interesses vocacionais geraram um campo de investigação profícuo que se refletiu em diversas frentes de trabalhos, quer na aparecimento de obras de síntese sobre o azulejo, quer na publicação de catálogos editados pelo Museu Nacional do Azulejo, de monografias e estudos sobre azulejo.

Na década de 80 reativaram-se as coleções nacionais mais importantes da azulejaria. Precisamente em 1980, com base em legislação oficial, a estrutura instalada no antigo convento da Madre de Deus é assumida como Museu. Rafael Calado irá comissariar uns anos depois a exposição itinerante *Azulejos – Cinco Séculos do Azulejo em Portugal*, sendo igualmente montada a exposição do Museu da Cidade *Azulejos de Lisboa* cujo catálogo constitui a primeira síntese atualizada sobre azulejaria portuguesa. José Meco publicava em 1882 a *História do Azulejo em Portugal* integrada nas publicações Alfa.

Os anos 90 prosseguiram com muitas obras de divulgação geral e para o exterior, destacando-se no contexto da divulgação internacional

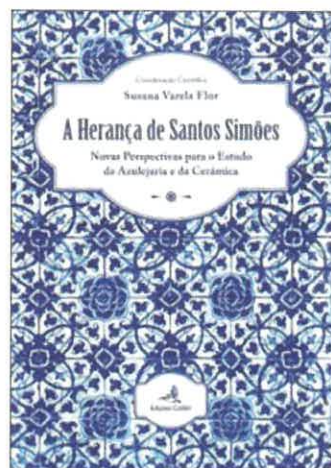


Fig. 3

a exposição integrada na Europália e o aparecimento de duas obras sequenciais sobre os azulejos em Portugal e no Brasil: *Azulejos na cultura luso-brasileira* (dir. de Dora Alcântara, 1997) e *Azulejos – Portugal e Brasil* (Revista *Oceanos*, 1998/1999).

O ano de 1991 ficou assinalado com o aparecimento da Revista *Azulejo* (nº 1, 1991; nº 2, 1992, nº 3/7, 1995-1999), um projeto editorial ligado ao Museu Nacional do Azulejo: a História do Azulejo, Iconografia, Monografias sobre conjuntos de azulejo *in situ*, Fontes Iconográficas do Azulejo são áreas do conhecimento que aqui encontram espaço de publicação e atualização. Surgem os importantes estudos de Luís Moura Sobral sobre um sentido da narração plástica, muito contribuindo para uma leitura direcionada do programa azulejar e do desenvolvimento da cultura visual barroca.

Destaque-se, ainda, um conjunto de trabalhos muito importantes relacionados com a azulejaria de Lisboa: *Azulejos. Painéis do século XVI ao século XX* (Santa Casa da Misericórdia, 1994), *História e Azulejo. Hospitais Cívicos de Lisboa* (1996); *Guia do Azulejo* (Guias do Caminho a Oriente 1998) e *Azulejos. Arte e História* (1998), importantes colaborações num entendimento da articulação dos azulejos com o espaço e com as arquiteturas.

Também de acrescentar a panóplia de estudos e publicações de José Meco que, desde 1979, tem trabalhado e refletido preferencialmente sobre a azulejaria barroca e os trabalhos de Vítor Serrão.

A completar, uma atenção às coleções e ao alargamento ao espaço da cerâmica portuguesa, foram apresentadas no Catálogo da exposição do Museu Nacional do Azulejo: *Cerâmica Neoclássica em Portugal* (1997), um estudo contextualizado das coleções e ao mesmo tempo um levantamento criterioso do património público e privado.

Os estudos de carácter monográfico e a publicação de artigos tornam-se assim uma conquista dos últimos anos correspondendo cada vez mais a uma maior exigência de investigação.

3. NOVOS TEMAS | NOVAS ABORDAGENS

Novos agenciamentos estéticos se colocam hoje à caracterização de uma identidade da azulejaria portuguesa, procurando encontrar um entendimento e padrão comum entre esta arte e outros objetos artísticos assente em três variantes principais: o enquadramento histórico, a análise artística, e a leitura iconográfica.

Podemos incluir um conjunto de novas abordagens e atuações que têm contribuído para a certificação e legitimidade artística e social deste suporte artístico.

Cumprir-me enunciar-los como suportes de trabalho para uma sólida prática historiográfica e cultural que se deseja cada vez mais intensa.

Uma das primeiras questões tem-se centrado na reflexão sobre a metodologia e normalização, aferindo critérios de identificação de peças existentes em coleções, tanto privadas como públicas, e ainda a apresentação de soluções para o desenvolvimento e prática do trabalho de inventariação *in situ* partindo de levantamentos totais ou parciais.

Tornou-se cada vez mais urgente recensear e preservar os conjuntos azulejares *in situ*, fomentando paralelamente uma política eficaz de restauro. É especificamente em relação à tentativa de estabelecer critérios estilísticos, definição de autorias e ciclos de produção que muitos trabalhos de investigação procuram dar atualmente resposta.

Merece aqui evidenciar a pesquisa arquivística aplicada aos estudos sobre cerâmica e azulejaria produzida ao longo dos séculos XVII e XVIII, que, embora se afastando do exame direto dos objetos, traz informações fundamentais para o conhecimento da sua história: o estudo topográfico e a localização de fábricas e oficinas, o seu funcionamento, a distinção entre os diversos ofícios; oleiros, ladrilhadores e pintores de loiça e azulejo, assim como todo o processo de encomenda e da escolha do programa artístico, da produção e difusão do azulejo.

Estas recentes perspetivas de investigação contam hoje com importantes

trabalhos de vários autores.

Outra das mais destacadas e importantes abordagens do estudo da azulejaria especificamente barroca recai sobre a análise da sua iconografia e a leitura dos espaços e dos programas decorativos.

As potencialidades narrativas do azulejo fazem parte da sua complexidade. Importantes estudos sobre o sentido da narração plástica muito têm contribuído para uma leitura direcionada do programa azulejar barroco.

A questão das fontes de inspiração do azulejo e o papel importantíssimo da gravura e da imagem impressa, manuseada, manipulada, pensada como um instrumento do conhecimento, tem suscitado muito interesse na forma e no modo como os pintores de azulejo procuraram utilizar essas gravuras, levando-nos a perceber o fenómeno de cópia no sistema da produção pictórica. A força destas imagens constituiu ela própria um referente cultural, partilhando a ideia de que é preciso ir um pouco mais longe e encontrar as funções dos próprios modelos sobre o processo artístico (Fig. 4).



Fig. 4 Painel da escadaria dos Meninos Órfãos, Mouraria, Lisboa.



Fig. 4 a Morre Saul às Mãos dos Filiseus [p. xxIV] Gravura - António Tempesta, séc. XVII, Saul post cladem, et necem filiorum sibi mortem conscivit. The British Museum, collection online.

O estatuto social do pintor de azulejos, a autoria e datação da obra, os diferentes intervenientes e agentes desta produção artística, são hoje assuntos e inquietações na investigação do azulejo em Portugal.

A função social do azulejo em contexto civil⁹, ligada ao gosto e consumo e a aproximação e cruzamento com um terreno mais vasto da arte e da cultura portuguesas, ganham significativa relevância, tornando-se novos enfoques de discussão e investigação (Fig.5).



Fig. 5

Nos últimos anos, a academia tem refletido a importância da azulejaria como uma área de estudo, atendendo ao número crescente de investigações em curso e em dissertações e teses já defendidas.

Esta dinâmica reflete-se na docência de cursos de formação avançada (Mestrados e Doutoramentos) onde em algumas unidades curriculares se entende o azulejo como o triunfo e exemplo da transversalidade do conceito de património integrado.

⁹ CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da. 2005. *A Arte de Bem Viver: A Encenação do Quotidiano na 2.ª Metade de Setecentos*. Lisboa: FCT/FGC.

4. INSTITUIÇÕES, REDES E PROJECTOS EM CURSO

Nas últimas décadas, o azulejo adquiriu cada vez mais um estatuto de um bem cultural “especializado”, assim classificado por estar fixo na arquitetura e ser parte essencial das funcionalidades prática, estética e simbólica do edifício que integra, com frequência estruturando o próprio espaço e carregando-o de significados.

É neste sentido que tem sido da maior importância o destaque e a atenção que as principais instituições responsáveis pelo património português têm concedido ao estudo, preservação e divulgação do Azulejo.

E começo exatamente pelos Museus, sobressaindo o papel do Museu Nacional do Azulejo para a qual a atenção se tem focalizado nos últimos 15 anos, procurando agilizar meios e saberes que possam ser adequados à Inventariação do Azulejo *in situ*, cabendo-lhe a tarefa de uma reflexão sobre a metodologia e inventariação do património em azulejo, quer assumido como peça de coleção, quer como conjunto integrado nas arquiteturas, não descuidando a inventariação e estudo do seu espólio, como é exemplo o projeto de investigação centrado nas reservas do Museu intitulado *Devolver ao Olhar*.

Devemos ainda salientar os encontros científicos e os cursos livres promovidos e centrados neste espaço, tais como *Curso de História do Azulejo. Cinco séculos de Presença em Portugal* em 2009 e *Um Gosto Português. O uso do Azulejo no século XVII* em 2010, *O Exótico nunca está em casa?*, 2013, entre muitos outros, e as recentes parcerias com outras instituições¹⁰ (Figs. 6 e 7).

Outro dos Museus responsáveis por um trabalho de estudo e divulgação deste património azulejar num contexto internacional tem sido o Museu Calouste Gulbenkian com a recente exposição *O Brilho das Cidades - A Rota do Azulejo*, mapeando uma visão global e simultaneamente local

¹⁰ Destaque para recente parceria com a EPAL na exposição “*A Água na Azulejaria Portuguesa do século XVIII*”, Setembro 2014.

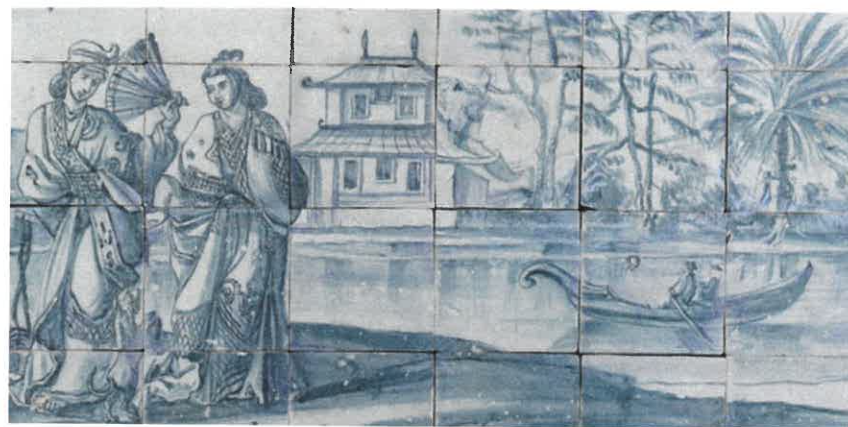


Fig. 6

do percurso e história do azulejo da Ásia Central à Europa Ocidental e Norte de África.

Atentos igualmente à visão e perspetiva integral deste património e da sua preservação, um conjunto de instituições do Estado, a destacar Direção Geral do Património Cultural, tem mantido um esforço de investimento na conservação e restauro do património integrado.

O universo de imóveis classificados no âmbito do património integrado revela-se atualmente numa lista considerável de intervenções diversificadas recentemente concluídas, em curso ou em preparação apresentadas por tipologias, em que a conservação e o restauro de património integrado e particularmente o azulejo adquiriu maior expressão, sendo o caso, por exemplo, de conjuntos monásticos, Palácios Nacionais ou em apoio a outras entidades.

As ações de Conservação e Restauro efetuadas por este organismo incidem sobre um universo extenso e diversificado obrigando, por isso, a critérios seletivos de intervenção e à articulação com programas mais vastos de salvaguarda e recuperação dos imóveis de que fazem parte.

Outras instituições como o Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana (IHRU) e as Direções Regionais de Cultura Norte, Centro, Lisboa e Vale



Fig. 7

do Tejo, Alentejo e Algarve) têm-se mantido atentas e intrinsecamente vocacionados para a área da reabilitação urbana e consequentemente da salvaguarda e valorização patrimonial, assegurando a memória e vivência do edificado.

A Igreja tem igualmente contribuído com um papel ativo no estudo e investigação desta área, promovendo colóquios¹¹, cursos, itinerários culturais e publicações. Referimo-nos ao Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja (SNBC) e a sua publicação da Revista *Invenire* – numa aposta da difusão de projetos de salvaguarda do património cultural e artístico da Igreja Católica em Portugal, em articulação com a difusão de estudos e trabalhos científicos inéditos (Figs 8 e 9).

Os últimos anos trouxeram, em particular, às Autarquias mudanças significativas na forma de olhar este património *in situ*, expressando e emitindo pareceres sobre a salvaguarda e proteção deste património, envolvendo muitas vezes a comunidade local através de campanhas de sensibilização para as questões patrimoniais, sem falar da crescente implementação da vertente do Turismo Cultural.

¹¹ AA VV, *Sacrae Imagines, Ciclos de Iconografia Cristã na Azulejaria*, Atas do 1º Colóquio, SNBCI, 2013.



Fig. 8



Fig. 9

No caso específico de Lisboa, a Câmara Municipal colocou em prática um Plano de Salvaguarda do Património Azulejar de Lisboa, um instrumento que permite à Autarquia definir uma visão estratégica das intervenções necessárias à salvaguarda do património azulejar ou classificação patrimonial - aprofundando o conhecimento sobre a conservação do património azulejar da cidade e hierarquizando as prioridades de intervenção, com articulação à escala de cada freguesia, de forma a criar maior operacionalização, cruzando assim diversas ações de diferentes atores locais, tais como o incentivo e encorajamento do "SOS Azulejo" (Museu de Polícia Judiciária), propondo um conjunto de conselhos e boas práticas na ajuda da prevenção criminal e conservação preventiva deste património.

Não podemos também esquecer e descurar neste caminho o papel que a Fundação para a Ciência e a Tecnologia tem procurado desempenhar tanto na atribuição de bolsas de Doutoramento e Pós-Doutoramento, como no lançamento de candidaturas anuais para projetos de investigação contemplando áreas como a História da Arte, o Património, a Museologia e os Estudos Artísticos, tornando-se o principal agente de financiamento de Unidades e Centros de

Investigação, sediados nas Universidades e que promovem de Norte a Sul do país investigação científica de qualidade.

Em 2006 foi criada inicialmente, no Museu Nacional do Azulejo, a Rede Temática em Estudos de Azulejaria e Cerâmica João Miguel dos Santos Simões, um núcleo de especialização científica com o objetivo e a missão de promover a pesquisa sobre o Azulejo e a Cerâmica e o incremento dos estudos artísticos desenvolvidos pela obra do seu mentor e preponente Engenheiro João Miguel dos Santos Simões¹².

A Rede Temática, atualmente instalada no Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, centra a sua força desde 2009 - em colaboração e pareceria com outras instituições no desenvolvimento de uma plataforma de Inventário Az-Infinitum - um sistema de Referência e Indexação de Azulejo em permanente atualização e disponível em linha, entendido como uma ferramenta de trabalho e como repositório na qual convergem diferentes projetos e iniciativas relacionadas com o inventário e estudos do azulejo, estruturando e sistematizando a informação e, nesse sentido, potenciando a investigação e o conhecimento sobre o azulejo produzido e/ou aplicado em Portugal. Tem igualmente vindo a promover com a iniciativa AzLab¹³ um espaço de partilha informal de novas perspetivas de análise sobre questões relacionadas com o azulejo, entre as quais a investigação, o inventário, o colecionismo e a salvaguarda.

Nos últimos anos tem-se avançado com a estruturação e o desenvolvimento de projetos científicos acreditados e financiados pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, uns já terminados e outros em curso, tais como:

- *Inventário do Património em Azulejo do Século XVIII em Território Continental*; Lisboa em Azulejo antes do Terramoto; o *Inventário do património azulejar do Centro Hospitalar de Lisboa Central*, *PrintArt*

¹² HENRIQUES, Paulo, Investigação no Museu do Azulejo: entre um projeto de Centro de Estudos e uma Rede Temática, In *A Herança de Santos Simões - Novas perspetivas para o Estudo da Azulejaria e da Cerâmica*, Susana Varela Flor (coord. científica), Lisboa, Edições Colibri, 2014.

¹³ <https://blogazlab.wordpress.com/>

- Busca e indexação em bases de dados de imagens artísticas, *Radiart* - um projeto interdisciplinar centrado no uso de técnicas não invasivas, ambos envolvendo instituições parceiras nas áreas das tecnologias como o Instituto Superior Técnico e o Instituto Tecnológico Nuclear; o *HARPA - Redes científicas para a salvaguarda do património cultural*, Degradação e Conservação de Azulejos Históricos do LNEC e a *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica online*, têm proporcionado um estreitamento das relações entre as áreas das Ciências, incluindo a computação gráfica, a História da Arte e o património azulejar.

Por fim a Rota do Azulejo no Alentejo¹⁴ com coordenação centralizada no Consórcio científico formado pela Universidade de Évora, o Centro de História da Arte e Investigação Artística (CHAIA), o Laboratório HERCULES - Herança Cultural, Estudo de Salvaguarda e a Direção Regional de Cultura do Alentejo, permite a estruturação de uma rota que valoriza a fruição de visitantes nacionais e estrangeiros, aumentando o interesse da sua permanência no território, acrescentando a vertente da investigação e edição de monografias¹⁵ bem como a formação como eixos prioritários (Fig. 10).

Em síntese, temos assim vindo a constatar o grande impulso que a investigação em História do Azulejo tem sofrido nos últimos anos contando com trabalhos marcantes divulgados em exposições, catálogos, monografias, estudos específicos, dissertações, projetos de investigação entre outros, que têm posto em evidência importantes e relevantes conjuntos inéditos e contribuído cada vez mais para a conquista e afirmação da azulejaria enquanto disciplina emergente e objeto de estudo no contexto tanto das Artes aplicadas e das Artes Decorativas em particular, como da História da Arte em geral.

14 CÂMARA, Maria Alexandra Gago da & MANGUCCI, Celso, "A Rota do Azulejo no Alentejo. Projeto de divulgação cultural e Artística" in *Invenire. Revista dos Bens Culturais da Igreja*, n-6, Jan-Jun, 20123, pp. 64.

15 MANGUCCI, Celso, *A Iconografia de São Lourenço Justiniano nos Azulejos dos Conventos Loios de Évora e Arraiolos*, Évora: Centro de História da Arte e Investigação Artística da Universidade de Évora, Rota do Azulejo do Alentejo, 2013.

Os estudos de azulejaria sofreram, como vimos, mudanças significativas nos últimos tempos. A investigação sobre a encomenda, os programas iconográficos e as suas respetivas fontes de inspiração, a relação entre o azulejo e a arquitetura, as contaminações artísticas entre o azulejo, a cerâmica e as outras artes aplicadas, as referências ao desenvolvimento das olarias, a evolução estilística, as questões de autoria e a análise química de pastas, vidrados e pigmentos, são frentes e linhas de trabalho em curso e desenvolvimento.

Regressamos então ao ponto de partida desta comunicação:

Que perspectivas para o estudo e investigação do azulejo em Portugal?

Duas questões centrais são o mote para a continuidade deste trabalho: o inventário, e a salvaguarda.

Acreditamos que a continuação de uma inventariação exaustiva acompanhada de estudos científicos e desenvolvimentos parcelares do património em Azulejo, uma real atenção às existências atuais e estado de conservação, uma forte e ativa parceria entre as Autarquias, as Dioceses, as Universidades e outras instituições, no sentido de permitir a integração de mais informação - nos permitirá alargar a "banda", tornando-se cada vez mais um campo de trabalho para futuras e sucessivas gerações de historiadores de arte e outros estudiosos.

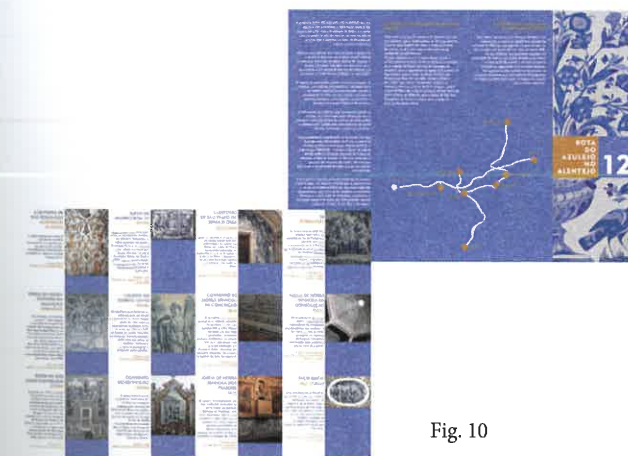


Fig. 10

